

6

Modelos interativos e não-interativos diante dos erros de atração

6.1

Modelos interativos

Na revisão da literatura acerca de erros de atração, foi visto que resultados de experimentos conduzidos com falantes de várias línguas indicam que fatores semânticos, sintáticos e morfofonológicos interferem no processamento da concordância, podendo levar o falante a produzir erros de atração. Em princípio, erros provocados pela manipulação de fatores semânticos e morfofonológicos parecem constituir evidência a favor de modelos interativos, visto que estes admitem o acesso a informações de tipos diferentes em cada momento do processo de formulação de sentenças. Vejamos como isso se daria.

A interferência de informação semântica, relativa à distributividade do sujeito foi, por exemplo, explicada por Vigliocco e colegas (1995, 1996a, 1996b) como uma falha durante a codificação gramatical no processo de unificação de informação de número do sujeito e do verbo. De acordo com os autores, o verbo teria seu número gramatical definido a partir do nível da mensagem e, no momento da unificação dos traços deste com os do sujeito, falhas poderiam ocorrer gerando os erros de concordância.

Quanto à interferência de informação morfofonológica, nos modelos que admitem *upward feedback* (Vigliocco & Hartsuiker, 2002; Vigliocco et al, no prelo), considera-se que a informação morfofonológica poderia interferir no nível anterior, o nível da codificação gramatical. O processamento da concordância seria vulnerável à interferência de pistas morfofonológicas disponíveis nas línguas e propriedades como a disponibilidade e a confiabilidade (padrões regulares) dessas pistas permitiriam prever a probabilidade de erros de concordância em cada língua. Não é claro nesses modelos, contudo, exatamente como se daria essa interferência.

Entre os modelos interativos, há ainda propostas que eliminam completamente a idéia de níveis. Nesses modelos não há limites arquiteturais aos tipos de informação que podem ser acessados pelo processador, sendo que algumas condições podem favorecer a interferência de um ou outro tipo de informação. Haskell & MacDonald (2003), com base em um modelo de satisfação de condições - inicialmente aplicado a questões de compreensão, vêm sugerindo que fatores sintáticos e não-sintáticos interagem durante o estabelecimento da concordância. De acordo com esse modelo, o resultado do processamento é determinado pela interação de informações de natureza distinta, com pesos diferentes. No caso da concordância sujeito-verbo, assume-se que haveria uma competição entre formas verbais alternativas e que certas condições favoreceriam a seleção de uma ou de outra forma verbal. Assim, por exemplo, o fato de o sujeito da sentença apresentar número conceitual e gramatical incongruentes poderia gerar uma competição entre formas verbais e induzir um erro de concordância. Da mesma forma, nomes com uma terminação típica de plural (ex. *pires*) poderiam reforçar uma forma verbal no plural e inibir uma forma verbal no singular. Várias fontes de interferência também poderiam atuar ao mesmo tempo e, dependendo do peso que tivessem na língua, uma poderia se sobrepor a outra.

6.2

Modelos não-interativos

Para preservar a autonomia do formulador sintático no processamento da concordância, a solução encontrada pelos modelos seriais, não-interativos, é atribuir a interferência de fatores semânticos e morfofonológicos a estágios anteriores ou posteriores à computação sintática da concordância.

Em relação a **efeitos de ordem semântica**, Bock et al. (2001) situam esses efeitos em um estágio anterior à computação da concordância. Os autores incorporam o modelo de produção apresentado em Bock & Levelt (1994), em que a codificação gramatical compreende duas etapas: uma de atribuição de função sintática (nível funcional) e uma de composição da estrutura sintagmática da sentença (nível posicional). O sistema de produção funcionaria da seguinte forma: com base em uma representação conceitual, seriam definidas as funções sintáticas (sujeito, objeto direto etc.) dos constituintes da sentença e, através de um processo

chamado *number marking*, informação de ordem conceitual permitiria a especificação do valor do número da função sujeito. No nível posicional, o sintagma que receberia a função de sujeito seria construído com base em informação codificada nos lemas dos itens lexicais. Montado o sintagma, o traço de número do núcleo percolaria ascendentemente até o nó mais alto de modo a especificar o número do sintagma. Haveria, então, uma operação de **unificação** de informação de número definida a partir do nível da mensagem e do traço de número do núcleo do sujeito. Esse processo ocorreria durante o processo de **number morphing**. Nos casos de incongruência entre o número conceitual e o número do núcleo do sujeito, poderia ocorrer erro na definição final do valor de número do DP sujeito. Assim, em preâmbulos com leitura distributiva, como em *O rótulo nas garrafas*, prevaleceria, no processo de unificação de traços, a informação de plural.

Depois de definido o número do sujeito, também durante o processo de *number morphing*, o verbo teria seu traço de número especificado, porém por um processo de **cópia** do traço de número do NP sujeito. A concordância sujeito-verbo, portanto, seria resultante de um processo de cópia de traços que ocorreria durante a construção da estrutura hierárquica da sentença. Logo, no caso de erro relacionado a fator semântico, o verbo terminaria marcado como plural não por uma falha na computação da concordância sujeito-verbo, mas sim em decorrência de uma falha na definição final do número do sintagma sujeito. Logo, o erro seria pré-computação da concordância.

Quanto à interferência de fatores morfofonológicos, estes são atribuídos à percolação ascendente do traço de número do nome local para o nó mais alto do NP sujeito. Também aqui o erro não ocorreria propriamente na computação sintática da concordância, visto que esta ocorreria depois, pelo processo de cópia do número do sintagma sujeito para o verbo. A seguir apresenta-se uma representação esquemática do processamento da concordância segundo Bock et al. (2001):

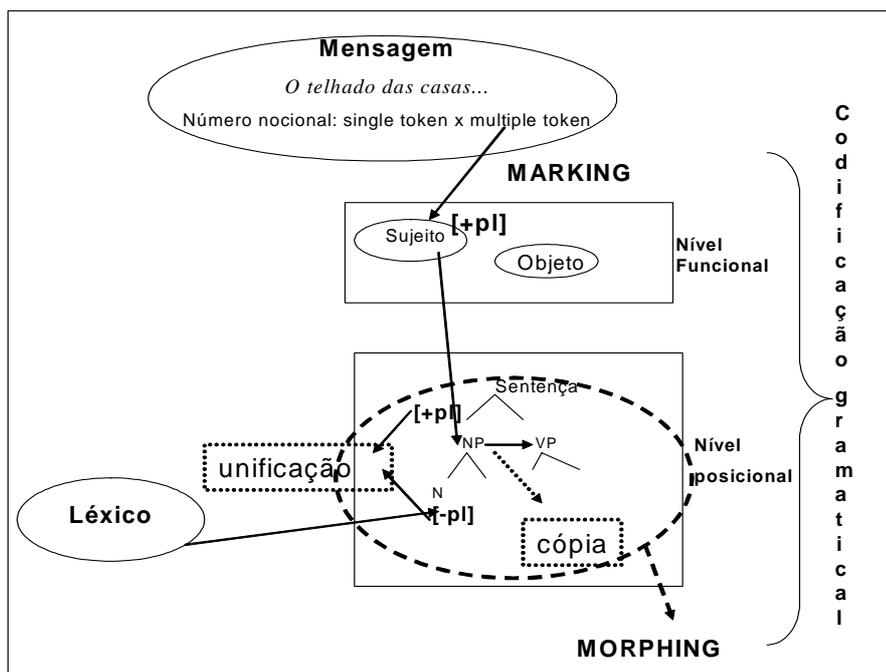


Fig. 7: Operações de *Number Marking* e *Number Morphing* no processamento da concordância sujeito-verbo (adaptado de Bock et al., 2001)

O modelo de Bock et al. (2001), embora consiga manter a autonomia do formulador sintático, não permite explicar, contudo, diferenças no total de erros de atração provocados por nomes com um traço intrínseco de número plural e nomes cujo plural é resultado de processo flexional. Conforme foi visto, os bipartidos e os *pluralia tantum*, embora tenham induzido mais erros do que nomes flexionáveis no singular, produziram menos erros do que nomes flexionáveis no plural. Esse resultado não era previsto pelo modelo, pois a informação de número tanto num caso como no outro percolaria igualmente até o nó mais alto do DP sujeito. Esse tipo de interferência, portanto, parece colocar em xeque a idéia de um formulador sintático autônomo, que não sofre interferência de ordem morfofonológica.

No próximo capítulo, veremos como no modelo de produção apresentado em Rodrigues & Corrêa (2004)/Corrêa & Rodrigues (2005) é possível explicar esse tipo de interferência bem como interferências semânticas, mantendo-se a autonomia do formulador sintático.